

# Entrevista com Clarisse Tarran

WILSON OLIVEIRA FILHO<sup>1</sup>

Nesse terceiro número da revista Trama que tem como Dossiê o tema “Ensaio sobre o tempo” entrevistamos a artista multimídia Clarisse Tarran. As recentes curadorias de performances, suas próprias performances e o poema “Do tempo” (ao final da entrevista) da artista nos chamaram a atenção para a entrevista dessa edição que o leitor tem na sua tela. De certa forma tentamos estabelecer um diálogo estendendo nosso dossiê, pois como observou Cohen a Performance existe em função do espaço e do tempo. “ $P = f(s, t)$ ; para caracterizar uma performance, algo precisa estar acontecendo naquele instante, naquele local” (COHEN, 2004, p.28). O espaço topológico convive com um tempo que para nós é carregado de uma poiesis que Tarran tão bem trata em suas performances e demais obras.

**Como foi a partir de suas performances (e dos registros de performance) conceber o poema “Do Tempo” exposto recentemente? Fale-nos dessa poesia que o leitor da Trama pode acompanhar aqui por essa entrevista.**

A cada novo ato de uma performance, adiciono ou modifico elementos para que haja uma adequação ao espaço determinado para tal. Assim, o tempo e o lugar/espaço, redesenham a concepção inicial à repetição da performance primeira. A poesia Do Tempo foi concebida assim. Eu iria fazer a performance Imaginária (que falaremos adiante) pela segunda vez em uma cidade de São Paulo, que foi nossa maior estação ferroviária no século passado. Trens e casas inglesas em um lugar de eternas brumas, Paranapiacaba grita o tempo. Eu precisei falar sobre isso e o projeto PLATAFORMA PARANAPIACABA. MEMÓRIA E EXPERIMENTAÇÃO, de curadoria de Lilian Amaral tinha esse mote.

**Como você pensa a temporalidade em suas obras, em particular nas performances? Problematizando um pouco mais: Do pouco que nos chegou de Heráclito sabemos que o instante é múltiplo,**

## Entrevista

**o devir de ser e não ser, estar e não estar, pois no mesmo rio entramos e não entramos. Em uma performance o tempo que corre transcorre de que forma para você e como você sente esse tempo do preparo a realização**

Sou muito lenta na criação e realização de minhas obras e performances. Convivo com a idéia, durmo, acordo e refaço muitas vezes. A maioria de minhas poucas performances não tem uma certeza do acontecimento. Impermanência e improviso. Embora tente colocar um início, um meio e fim, que nunca acontecem como o pretendido. Isso está mais presente agora com a parceria de Eduardo Mariz como partner de performance no Duo URCA, que criamos este ano de 2016. Ele parece sempre brincar com o planejado e me desafia em toda extensão da ação. Em minhas performances sozinha ou nas video performances o transe é intenso. Tenho dificuldade em sair do estado performático. Com outro artista preciso estar e não estar entre esse local quase mágico, a realidade do espectador e a concretude do mundo. Uma espécie de buraco de minhoca, fita de Möebius. Acho que nosso trabalho juntos vai caminhar mais pra um transe duplo conforme amadurecer. O tempo mais uma vez se fazendo importante. Pois mesmo em performances solos, estamos participando de alguma forma em parceria, em registro. Pois somos dois fotógrafos de performance, ou assistência mútua. O trabalho cresce. Sempre estive ao longo do percurso trabalhando com outros artistas. Assim foi com Mauro Espíndola, um grande parceiro na arte e na vida.

**Quanto as curadorias de performance como é trabalhar com possibilidades e tempos tão próprios e propostas tão amplas. Curadoria seria um termo certo para tal tarefa?**

Sim. Não sou uma curadora clássica. Sou uma artista que ao longo do percurso teve uma galeria, participou de coletivos e fala do sistema das artes. Por um tempo recusei muitos convites de curadorias. Mas hoje me vejo uma artista-curadora. Respeito os grandes curadores. Mas acho que não dão quantitativamente conta da demanda. Pequenos eventos ficam soltos. Como artista que faz curadoria faço uma parceria, um arranjo, escolhas junto ao artista. No caso da performance existe uma matemática e uma temática a ser construída. O tempo de ação, realização e digestão de cada uma tem que fluir com o todo. Uma sinfonia doída.

**Descrevendo sua performance “Imaginária” observamos em seu site que “A partir da semelhança física entre as duas e a mesma origem oriental, a artista se coloca diante da imagem, com um espelho atrás e alguns objetos, conforme a pintura.” A semelhança é com a imagem de Revèrie” (Onírica), de Hipollyte Lezèrges, feita em 1884. Como foi conceber essa performance e como a equação de Cohen que pensa a performance como uma função do tempo e espaço se encaixaria?**

Uma amiga fotógrafa olhando um livro dos pintores Orientalistas, percebeu a imensa semelhança física entre a moça retratada, comigo jovem. A ponto das pessoas acharem que sou eu. Somado ao fato de ser neta de sírio e libanesa. Resolvi fazer então este diálogo sobre o tempo. Eu estou inicialmente vestida com roupas de hoje e aos poucos vou me vestindo com as roupas dela e falando ou escrevendo sobre o tempo, o inexorável, o reencarnado, o ilusório, o sonho, o que se conecta através das malhas. Ao final sou ela, de alguma forma, há esse encontro. De novo um buraco de minhoca. Um atalho, um corte no tempo.

**Uma outra questão com o tempo, nesse caso com os artistas jovens na performance “Artista jovem”, também nos intriga a pensar um outro tempo. Uma extemporaneidade que Nietzsche tão bem nos provocou e que hoje autores como Agamben discutem. O contemporâneo como saber ver da obscuridade, contemporâneo como “aquele que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. A performance é uma linguagem das trevas do presente?**

A artista jovem é uma performance de extremo humor e extrema crítica à perversidade de um sistema que privilegia o jovem e despreza o artista em meio de carreira e o velho. No entanto aos poucos percebi o grande prazer que sinto ao encarná-la. O espaço da criança se faz. Apesar das carraspanas que ela toma, todo jogo de corpo, toda sinceridade explícita, toda caracterização, é infantil, reafirmando a imaturidade do nosso sistema das artes visuais. Quanto a sua pergunta, se a performance é uma linguagem das trevas do presente. Bom.. pensando nisso, este ano trabalhei com pessoas na área da saúde mental no Polo Experimental da Colônia Juliano Moreira. Por diversas vezes reafirmei pra mim a sensação de que nada é mais concreto que

a loucura. E em outra mão, a fragmentação, a repetição, os estados de descolamento e deslocamento das diversas esferas da mente e da alma, a flutuação, o inconsciente se interpondo ao consciente. Todas estas coisas eu vi ali. E de todas estas coisas entre outras, falamos nas performances. Então sim, podemos falar das trevas, mas também da liberdade e do êxtase. Para ver o obscuro precisamos da luz.

**“Objetificar o amor, concretizar o indizível” é uma linda observação sua que imediatamente nos faz pensar em uma parte importante do seu trabalho: Os objetos. Estes também são dotados de um tempo (já há algum tempo se fala em uma arqueologia das mídias, materialidades etc) e de uma poética. Comente-nos sobre sua relação com os objetos em sua obra performática e em outros trabalhos.**

Objetos. A matéria se significando. Em forma e função. E se resignificando na arte. Sou quase uma acumuladora ‘fetichenta’. Poderia fazer uma casa atrás da outra. Paredes e superfícies repletas de objetos. Uma arqueologia pessoal extensa. Objetos pretendem ser ligados à questões conceituais na minha obra. Como nos objetos criados a partir de anagramas da frase Ordem e Progresso por exemplo. Cada frase me deu um objeto, como metáfora. Como em Brasília, onde as frases Gorem os Podreres e Preso Segredo Mor escritas em tigelas, simulam o Senado e o Congresso. Em arte contemporânea toda escolha tem uma carga e eu sigo isso à risca inclusive nas performances. Da roupa ou não roupa à garrafa, taça, ou sapato, tudo fala. Através do objeto desenhamos as entrelinhas do discurso que ainda assim deve permanecer aberto. E viva Gaston Bachelard!

**Paul Klee renunciou que os objetos agora nos percebem. Diante de um tempo regido por novas mídias, por telas sensíveis ao toque, dispositivos que mapeiam nossa localização como pensar a arte contemporânea tendo a sensação de Klee que agora as coisas nos percebem?**

Acho que sempre nos perceberam. Na gatura do couro ou palha no assento da cadeira, na pegada, na poça, na nódoa, na folha que seca, na unha que quebra, tudo reage. Nos campos morfogenéticos do biólogo inglês Rupert Sheldrake, as malhas comunicantes invisíveis conectam todos entre os vivos. Seria certo pensar em percepções entre objetos. Uma Pedra nos conta a presença de alguém que se foi ao nos

mostrar o morno que permanece em um intervalo. A cibernética do Angelus, do mensageiro.

**Suas diversas atividades como artista, sua experiência com projetos e ações na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, sua “multiartisticidade” são (re)lidas hoje em dia por você de que forma. E prolongando isso como o cenário da arte no Brasil, em particular no Rio mudou para você?**

Venho de uma família de artistas. Cinema, Teatro, Poesia, Arquitetura e Artes Visuais são assuntos de infância. A EAV, me formou nos bastidores, Assistir o diretor de uma Escola de Arte Contemporânea foi o que sustentou a produtora que descobri que não queria ser. Fiquei distante por 6 anos e aprendi trabalhando a ser uma programadora visual. Quando retornei às Artes Visuais em 2000 estranhei a geração dos anos 90 e seu individualismo e foco no Mercado. Abri meu ateliê e as reuniões evoluíram para que criasse a Galeria Durex Arte Contemporânea junto a outros artistas no centro do Rio. E esta foi uma experiência riquíssima. Minha inquietação à um sistema muito restrito e lento me levou a isso. E minha forte crítica aos Editais que estavam começando me fez ser reativa. E hoje vejo que estava com a razão. O Estado está todo engessado e as Instituições Culturais perderam muito da sua autonomia e perfil. Posso dizer que sim, tenho um percurso de extrema resistência e sim, pago o preço. E sim, também vale a pena. O grande conflito de hoje para mim é equacionar um trabalho que tenha entrada no Mercado, afinal artistas pagam contas, e não abandonar o discurso. Se você um profissional da Arte isso é simples. Se você é um artista, isso é difícil. E se você não é um artista rico no Brasil, você terá que ser múltiplo, trabalhar dobrado. Isto prejudica muito a obra. O tempo gasto com o entorno fica maior que o tempo de ateliê. E temos ainda uma pirâmide de profissionais que vivem do artista que agora está na base, não no topo. É muito exaustivo. Mas falar do cenário daria muitas páginas.

**Nos conhecemos graças ao trabalho Galeria Transparente do querido Frederico Dalton. Projetos como a Galeria de Dalton nascem no mundo das redes informacionais e ganham o espaço físico criam grupos e novas redes. Como você vê o papel dos coletivos e dessa arte em parceria ao longo de sua atividade como artista? E**

**como nesses novos espaços a rede se descortina em sua opinião?**

A Galeria Transparente de Frederico Dalton é um projeto que nasce de um espírito crítico e poético. Frederico é um artista competente, inquieto e excelente escritor e está em eterno auto questionamento. Um autêntico flâneur, observa o humano e a cidade e interage com sua arte particular e coletiva. Fazer a curadoria de performance para a Transparente dentro de uma instituição foi um desafio, pois tive que somar artistas escolhidos com os que já haviam participado na rua anteriormente. Projetos como este são muito necessários. São berçários com liberdade, experimentação e verdade. Coisas que o Mercado e o Institucional vem perdendo a cada década.

**Falemos para começar a encerrar do tempo futuro. Dos futuros possíveis em uma era de tantas incertezas. Como a arte da performance nos possibilita pensar outros possíveis. E qual ainda é a relevância política da performance?**

Estamos em um momento intenso da performance no Brasil. No entanto há diferenças entre regiões. No Rio temos pouco debate e vejo muito do que já foi feito sendo repetido. Sem as referências do passado, Futurismo, Bauhaus, Manifestos, Arte Viva, Happenings, escultura viva, punk performance e outros e a conversa com áreas da dança, teatro, música e tudo que foi formando a história da Performance aparecem sem ser um terreno inspirador assumido. Vejo muita intuição e pouca reflexão e pesquisa. O que em outra mão pode trazer trabalhos bem interessantes. Em São Paulo existe um trabalho mais intenso inclusive na área acadêmica que a meu ver é mais misturada aos artistas de fora da Academia do que aqui. Para o bem e para o mal. Outra discussão complexa. E quando falamos de artistas paraenses já temos outra cena. E aí por diante. A questão da política na performance atualmente a meu ver tem uma peculiaridade brasileira. Acredito que ela esteja profundamente ligada a um inconsciente coletivo de um país que está aprendendo a se manifestar mais intensamente na política. E isto é muito bom. Tenho muito interesse no registro da performance. Tenho um projeto sobre isso chamado OlhoporOlho, onde existe uma troca entre o artista que performa e o que registra. Acredito que a imagem gerada na performance pode ser muito potente, perpetuando sua contundência e as questões apresentadas. Mas tudo que digo, acho agora. Posso discordar de mim mesma daqui a 5 minutos.

**Em linhas gerais como você definiria seus demais trabalhos? Sua produção em diferentes mídias poderia ser sintetizada de que forma?**

Se estamos falando do tempo tenho que falar de meus desenhos e bordados. Utilizo muito imagens antigas da botânica e da vida no passado, como os artistas do circo primitivo. Junto a isso, sinto enorme necessidade de ter uma carga maior de brasilidade. Me interessa por arte popular, bruta e do inconsciente. Essa mistura é possível nos desenhos e nas curadorias. Como não consegui tempo para ser uma pintora, pinto com as linhas. Construo a partir de meus desenhos, minha botânica pessoal, sem rabiscar anteriormente. Posso trabalhar com mais de 300 cores. O tempo do bordado é um tempo lento demais para quem vive na cidade grande. O bordado me salva de mim mesma. De minha aceleração, inquietude e ansiedade. Comecei a bordar depois de ganhar o trabalho de Madalena Rumbold e escutar minha avó aos 100 anos contando das lagartas da seda no porão de sua casa no Líbano.

**Por fim, que é sempre um começo, fale-nos de suas referências como artista. O que te inspira, o que te compôs ao longo dos tempos e ainda te leva a criar. "Começar colocando um ponto final" cantou Paulinho Moska em Tudo novo de novo. Como artista da performance pensa seu ponto final, seus recomeços?**

As referências são muitas. Na infância era muito quieta e escutei muitas conversas em coxias, ateliês, festas, saraus, vernissages. E prestava muita atenção. Era anos 70. Intenso. Cenário difícil para ser filha de artistas. Sobrevivi. Meus estudos foram incompletos. Sou uma autodidata com alguns cursos da EAV e muitos livros que leio e esqueço grande parte. Preciso sempre estar lendo e relembando. A filosofia, poesia, antropologia e a psicologia me interessam muito. Resolvi ser ouvinte na UERJ este ano. Está sendo ótimo. Ser uma artista é uma condenação na medida que não há escape. Tento me recriar a cada dia e ser uma pessoa de muita dúvida, sempre. Por mais angustiante que isto seja.

**Obrigado pelo tempo, pelo tempo achado que foi poder ser parceiro em algumas exposições e por nos conceder essa entrevista. Para conhecer mais os trabalhos de Clarisse vale conferir seu site: <http://www.clarissetarran.com/>**

Eu que agradeço seu generoso convite e olhar cuidadoso.

“DO TEMPO”

O tempo traça  
O tempo estica  
O tempo atrela  
O tempo atrasa

O tempo atiça  
O tempo firma  
O tempo escolhe  
O tempo... é, traça

O tempo soma  
sente  
mente  
encalha

O tempo avisa  
O tempo é preciso  
O tempo é inciso  
O tempo precisa

O tempo tarda  
O tempo muda  
O tempo é muda  
O tempo falha

O tempo fermenta  
enruga  
descasca

O tempo insiste  
O tempo esquece  
O tempo supera  
O tempo encara  
O tempo gesta  
O tempo espera

O tempo falta  
O tempo, é um velho na praça

O tempo é de luz  
O tempo é embrião  
O tempo ancião  
O tempo, é prata

O tempo é pávio  
O tempo estio  
O tempo engole  
O tempo tarda  
O tempo é gesto  
O tempo é a terra  
Do tempo é a argila,  
que faz, o vazio do vaso

O tempo que urge  
é o tempo que ruge

O tempo... é uma sentinela  
de pranto, de falta, de mágoa

O tempo é tardio  
escala  
encolhe  
espaça

No tempo do luto  
é tempo de abraço  
No tempo em que luto,  
é o tempo que atraca

O tempo é espera  
O tempo é quimera  
O tempo é, o macio do gato  
Entardecer o tempo  
Digerir o tempo

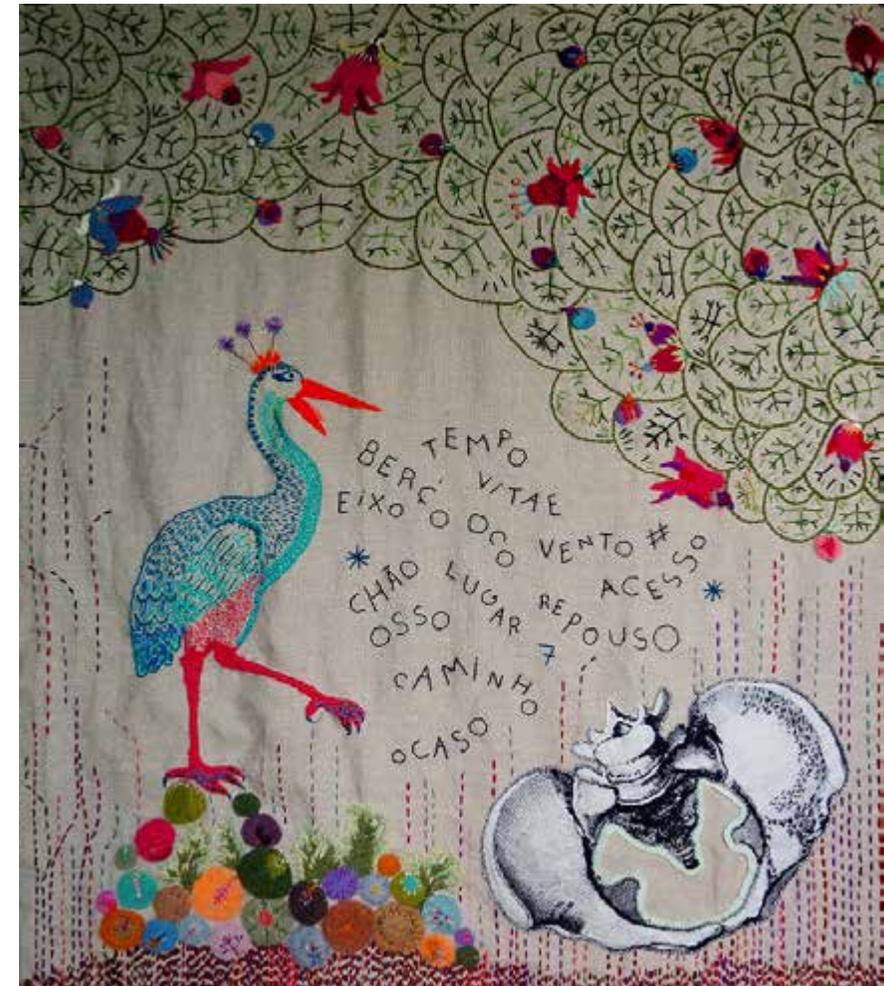
Do tempo que desaparece

O tempo que o trem apita  
O tempo dormente do trilho  
Da plataforma de vento...

Tempo que é dobra  
Tempo que sobra  
Tempo que é sempre, aparente

Eqüino tempo que usa esporas,  
Tempo que lança a lança  
Tempo que é história  
O tempo é só, lembrança.

Clarisse Tarran para  
La Plataformance Paranapiacaba, SP, 2015  
Performance Imaginária





Objet Trouvé, Cosme, Damião e Doum em gesso e placa em ágata. 2009  
Fotos: Acervo da artista



[www.artistajovem.com](http://www.artistajovem.com)

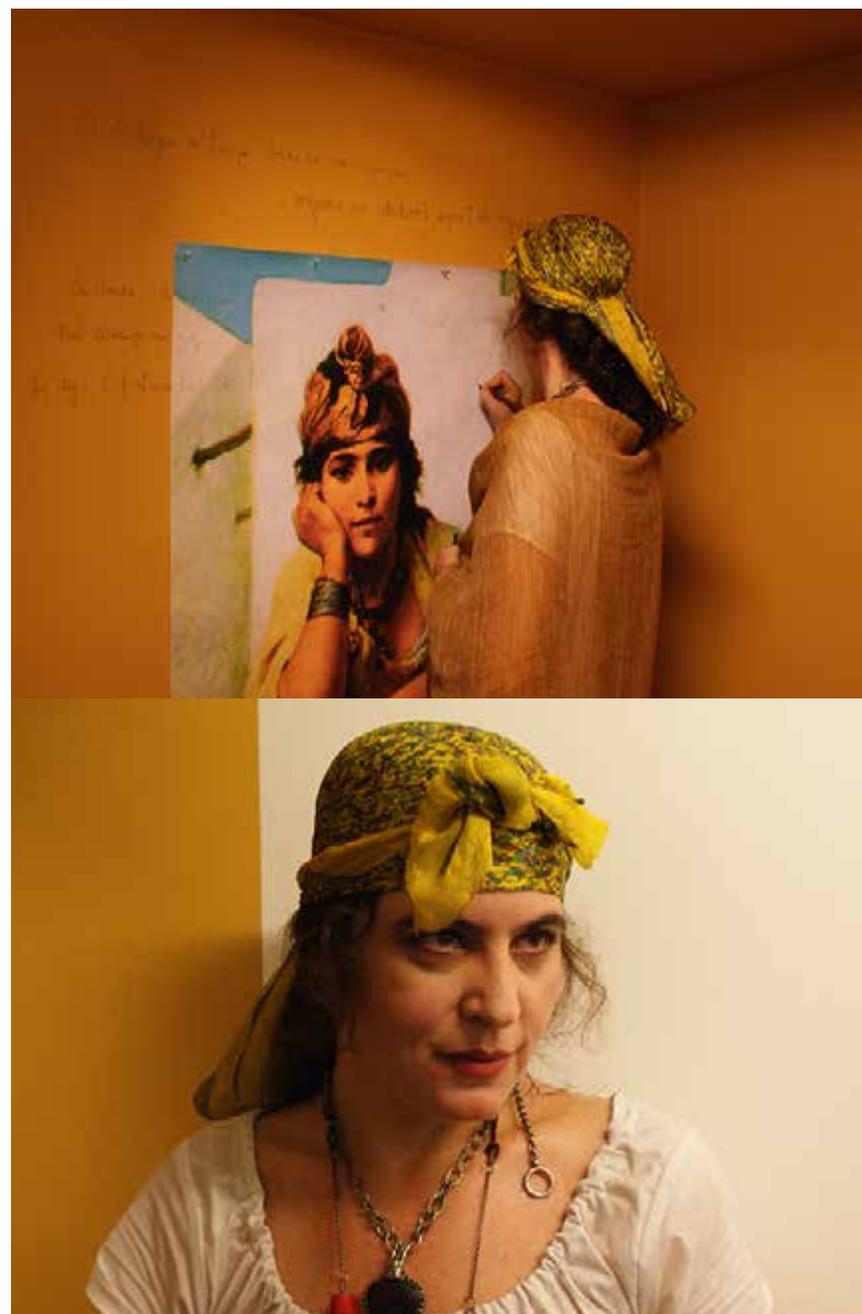
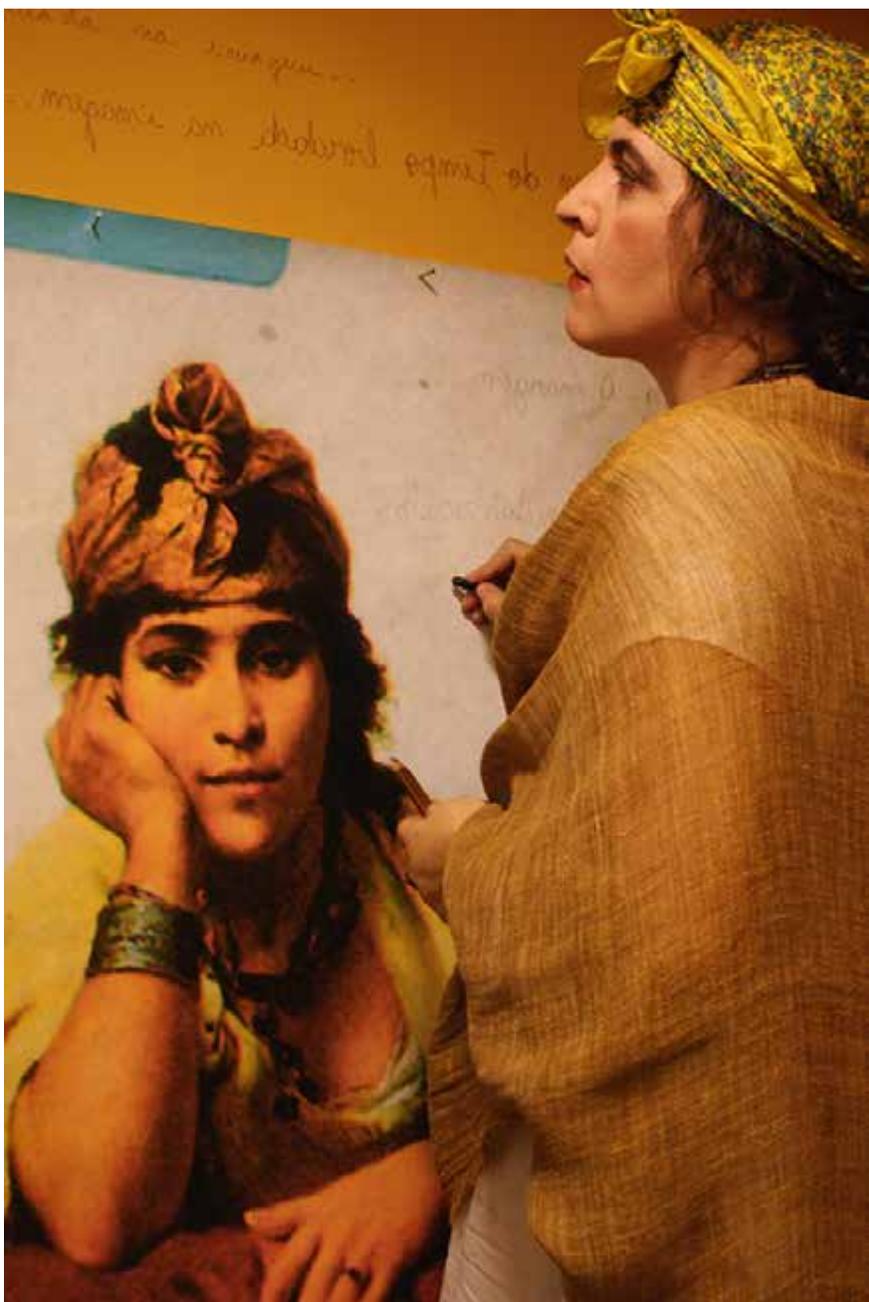
- . Site em construção
- . Procura para se emprestar sentido
- . Cheia de estranhamento
- . Quatro cursos letrados no Parque Lage
- . Sorinha com a FAAP
- . Faz vídeo, performas, objeto, ready-made, escultura sonora, happening, instalação, poesia visual, desenho digital, pintura, 3D, site específico, objet trouvé
- . Não pinta
- . Diversas exposições coletivas
- . 3 heterônimos e um pseudônimo
- . Espaço garantido para o Curador e produtor
- . Intenidade na medida certa com flexibilidade

Dispensa equipe de montagem e material nas instituições públicas e/ou privadas  
Apropriações variadas de artistas passados e/ou vivos  
Transgressões e Releituras como forma de "enquadrado do sujeito de origem"  
Participou de vários editais  
Abre mão do Pro-Labore em nome de coletivos  
Não domina técnicas, trabalho todo licenciado por artistas e acadêmicos  
Indissociável da noção de identidade  
Especialização de diferentes instâncias, espaços, estatutos e papéis no contexto da fruição e desenvolvimento do poder cíclico e assimétrico na contemporaneidade diferenciada do ser artista.\*

\* Para maior aprofundamento consulte uma entrevista.



"ARTISTA JOVEM" Fotos: Hileana Menezes Carneiro



IMAGINÁRIA na Galeria Durex Arte Contemporânea, 2009  
Fotos: Camila Mello

## NOTAS

1. Wilson Oliveira Filho é professor na Universidade Estácio de Sá desde 2005. Coordenou o curso de Cinema e Audiovisual entre julho de 2012 e 2013. Também atua como professor substituto na ECO/UFRJ. Graduado em Comunicação social pela UNESA especialista em Filosofia Contemporânea, Mestre em Comunicação e Cultura e Doutor em Memória Social com passagem pela Universidade de Chicago sob orientação de Tom Gunning. Performer audiovisual e músico, já dirigiu documentários e videoclipes. Autor de “Desconstruindo McLuhan” (editora E-papers, 2009) e de diversos artigos publicados em livros, revistas e congressos nacionais e internacionais. Em 2012 fundou o duo 2x4 que desenvolve trabalhos multimídia.